

A woman is shown from the waist up, wearing a vibrant green, short-sleeved lace dress with a fitted bodice and a full, flowing skirt. She is looking over her shoulder towards the camera with a slight smile. The background is a solid, deep red color. The title 'TESSA DARE' is written in large, yellow, serif capital letters across the middle of the image, partially overlapping the woman's arms and the top of her skirt.

# TESSA DARE

*O presente  
inesperado*

*Novela da Série Spindle Cove*

 GUTENBERG

*O presente  
inesperado*

Copyright © 2011 Eve Ortega  
Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Título original: *Once Upon a Winter's Eve*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO FINAL *Sabrina Inserra*

CAPA *Larissa Carvalho Mazzoni (sobre imagens de Remark\_Aнна / Natykach Natalia)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Dare, Tessa

O presente inesperado / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2018. -- (Série Spindle Cove)

Título original: *Once Upon a Winter's Eve*

ISBN 978-85-8235-553-4

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano. Título. II. Série.

18-20129 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813  
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310 - 2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

**Rio de Janeiro**

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Novela da Série Spindle Cove

TESSA  
DARE



*O presente  
inesperado*

TRADUÇÃO: A C Reis

 GUTENBERG

Para minha estrela brilhante, e para a pequena constelação maluca que criamos.

## Capítulo um

Em dezembro de 1813, o baile dos oficiais teve um efeito profundo na economia de Spindle Cove. Como as mulheres eram maioria na vila, certos produtos tornaram-se escassos: primeiro acabaram-se os grampos de cabelo, em seguida as fitas, e os papéis para fazer cachos ficaram caríssimos.

E “cantos”. Cantos tornaram-se a maior raridade. Porque só existem quatro cantos em qualquer salão de baile, e em Spindle Cove muitas mulheres gostavam de ficar nas extremidades.

Violet Winterbottom era uma tímida experiente, e sabia como marcar e defender seu território.

Ela tomou posse de seu nicho assim que chegou. Uma alcova confortável do salão de festas de Summerfield, levemente aromatizada por um arranjo de *bayberry* pendurado na parede e situada perto da tigela de vinho quente.

— Por que está se escondendo no canto, Violet? — Kate Taylor se aproximou e a pegou pelo braço. Alegre e sensata, Kate era a professora de música do vilarejo.

— É Natal, você deveria estar dançando.

Violet resistiu com um sorriso.

— Obrigada. Estou bem aqui.

— Está mesmo? — Kate arqueou uma sobrancelha.

Violet deu de ombros. Na aparência, não se encaixava na definição de garota tímida. Era uma jovem de boa família, possuidora de um dote generoso, e era, se não uma beleza mitológica, pelo menos agradável sob a luz de velas. Seus talentos em música e desenho não mereciam alarde, mas ela falava seis

línguas modernas e era capaz de ler várias outras mortas. Violet não era desajeitada nem possuía qualquer tipo de doença. Tampouco tinha a língua presa.

Ainda assim... passava muito tempo pelos cantos. Mais do que nunca desde o que ela intitulava como A Decepção.

— Vamos encontrar um par para você — Kate disse, puxando-a pelo pulso. — Seu vestido vai ter ainda mais destaque perto do casaco vermelho de um miliciano.

— Deixe-a em paz, Srta. Taylor. — Sally Bright se juntou a elas. — Você sabe que ela está incomodada, porque vai nos deixar amanhã.

Kate apertou a mão dela.

— Querida Violet, vamos sentir tanto a sua falta.

— E eu sentirei saudade de todas vocês.

Os pais de Violet tinham, finalmente, perdido a paciência com a ausência prolongada da filha mais nova. Eles queriam vê-la mais bem estabelecida, e tinham decidido que a próxima Temporada seria a *grande* Temporada. A carruagem dos Winterbottom chegaria para pegá-la no dia seguinte, e Violet não teria escolha se não colocar seus baús no veículo e retornar a Londres, para a casa da família na cidade – que ficava, horrível e dolorosamente, bem ao lado da *dele*.

*Por favor, que ele não esteja em casa. Que esteja a oceanos de distância.*

Nervosa, Violet passou as mãos enluvadas pelo vestido esmeralda.

— Meus pais querem que eu esteja em casa para passar o Natal com a família.

— Ora, isso é bom, não é mesmo? — disse Sally. — Nós, os Bright, sempre passamos o Natal na esperança de que nosso pai *não* apareça. O canalha é como a gripe, adora aparecer no inverno.

Os membros da família Bright compartilhavam de duas qualidades: todos possuíam cabelos loiros platinados e todos trabalhavam juntos na loja Tem de Tudo. Sally atendia os clientes,

distribuindo com alegria produtos e fofocas. O mais velho, Errol, trazia as mercadorias de outras cidades. Os gêmeos Rufus e Finn trabalhavam no estoque, enquanto a mãe afobada cuidava dos filhos pequenos. O pai era ausente – e, pelo que Violet tinha percebido, sua ausência não era lamentada.

— Mas Violet, se vai embora amanhã, é mais uma razão para você dançar esta noite — Kate disse. — Nós *todas* deveríamos dançar. Minha nossa, olhe para eles.

Ela gesticulou na direção da outra extremidade do salão. Ali, os milicianos de Spindle Cove estavam alinhados em fila única, como se fosse dever solene de todos servir de arrimo à parede. Os milicianos usavam casacos vermelhos como lagostas, calças brancas, galões dourados, botões de metal e a mesma expressão de inquietação.

Kate meneou a cabeça.

— Depois de todos os meses que esperamos por este baile, eles vão ficar ali, parados como postes, nos encarando?

— O que você esperava? — Violet perguntou.

— Não sei. — Kate suspirou. — Romance, talvez? Nunca sonhou com um cavalheiro belo e misterioso notando você no meio de um salão de festas lotado? E então ele atravessa a sala e a tira para dançar, e de repente se pega apaixonado para sempre?

Sally meneou a cabeça.

— Isso nunca acontece na vida real. Pergunte para minha mãe.

*Pode perguntar para mim*, Violet quase disse em voz alta.

O sonho descrito por Kate tinha acontecido com Violet certa vez. Em um ambiente parecido com o que estavam, quase um ano antes. Um homem que ela adorava há anos tinha, enfim, reparado nela. Seus olhares se encontraram em meio a um salão abarrotado, e ele abriu caminho pela multidão para pegar sua mão.

Mas no fim ele se mostrou uma decepção. A Decepção.

— Finais felizes existem — Kate insistiu. — Vocês só precisam olhar para Lorde e Lady Rycliff para constatarem isso.

Todas se viraram para admirar seus anfitriões. Violet teve que admitir que eles formavam um casal esplêndido.

— É tão romântico o modo como ele fica tocando nas costas dela. E a expressão nos olhos dele... — Kate suspirou, sonhadora. — Ele é apaixonado por ela. E Susanna é o retrato da felicidade.

— Claro que ela é feliz — Violet disse. — Lorde Rycliff é um homem muito honrado e decente. — *Ao contrário de certos “cavalheiros”*. — Todas nós deveríamos ter a mesma sorte.

— Talvez — Kate disse. — Mas e se isso não tiver nada a ver com sorte? Estamos em Spindle Cove. Quem disse que precisamos esperar uma atitude dos homens? Talvez seja melhor fazermos algo, em vez de esperar sermos notadas.

O que Violet notou foi um grito. O guincho assustado atravessou o salão lotado, fazendo com que todos ficassem imóveis onde estavam.

— Bom Deus — ela murmurou. — O que foi isso?

— O que é isso? — Kate perguntou.

Os convidados se afastaram em direção às paredes, revelando o que Violet não podia ver: as portas que se abriam para o jardim tinham sido escancaradas. A silhueta de uma figura estava parada ali. Alta, sombria e ameaçadora.

Os milicianos levaram as mãos aos sabres que traziam pendurados ao lado do corpo. Violet teria se sentido mais segura se não soubesse que eram sabres ornamentais, mais adequados para cortar queijo do que atingir um invasor.

Como anfitrião, lorde e oficial no comando, Lorde Rycliff deu um passo à frente.

— Quem é você? — ele perguntou. — O que quer?

Não obteve resposta.

Era óbvio que o homem não era de Spindle Cove. Naquele vilarejo, todos os moradores se conheciam — pelo menos de vista, ainda que não pelo nome. O invasor era estranho a todos.

Ele era grande. E estava sujo e encharcado. Então o homem começou a se mover. Hesitante, cambaleante... diretamente na

direção de Violet.

Os milicianos desembainharam seus sabres, e alguns deles até correram à frente. O Cabo Thorne parecia pronto para perfurar o homem – apesar da espada sem valia.

Mas o intruso não permaneceu como uma ameaça por muito tempo. Antes que qualquer miliciano conseguisse alcançá-lo, ele desabou. Bem aos pés de Violet.

— Oh, minha nossa.

Enquanto deslizava até o chão, ele tentou segurar na saia dela, enrolando os dedos no tecido de seu vestido. Quando a cabeça do homem enfim encontrou os tacos do piso, um longo risco de sangue marcava a seda do traje da jovem.

Violet se ajoelhou. Não teve muita escolha. Encostou a mão enluvada no pescoço do invasor, procurando seu pulso. Os dedos protegidos pelo cetim ficaram vermelho-vivos. E trêmulos.

Kate e Sally se agacharam ao lado dela.

— Meu Deus! — Kate inspirou fundo. — Ele está coberto de sangue.

— E sujeira — Sally disse. — Mas, nossa, é lindo mesmo assim.

— Sally, só você poderia pensar em algo do tipo em um momento desses.

— Não vai me dizer que não notou. Olhe para as maçãs do rosto deste homem. O maxilar forte. O nariz é uma pena, mas esses lábios foram feitos para o pecado. Ele parece um anjo caído, não é?

— Ele está caído — Kate disse. — É a única certeza que temos.

Violet tirou a luva suja e tocou o rosto sangrento e gelado do homem com a mão nua. Ele gemeu e puxou ainda mais o tecido da saia de Violet.

Sally lançou um olhar irônico para ela.

— Quem quer que seja, parece muito apegado à Srta. Winterbottom.

Violet sentiu o rosto esquentar. Nunca sabia como agir em um baile, mas aquela situação não foi registrada em nenhum livro de etiqueta. Quando um homem atravessava, cambaleante, um salão

de bailes e desabava aos pés de uma mulher, esta não deveria lhe oferecer algum tipo de consolo? Parecia a coisa certa a se fazer.

Mas ela tinha cometido esse mesmo erro no passado: ofereceu consolo a um homem ferido e deixou-o se aproveitar. Ela havia passado o último ano pagando por esse erro.

— Com licença. Deixem-me passar. — Susanna, Lady Rycliff, abriu caminho em meio à multidão e se ajoelhou ao lado do homem. — Eu preciso encontrar a origem do sangramento.

Lorde Rycliff se juntou a ela.

— Antes vou revistá-lo para saber se tem alguma arma. Não sabemos quem ele é.

— É alguém que precisa de ajuda, e não podemos esperar — Susanna respondeu. — Ele está completamente gelado e tem um corte feio na cabeça, está vendo?

— Susanna...

— Olhe para ele. Como pode ser uma ameaça? Está quase inconsciente.

— Tire suas mãos dele — Lorde Rycliff ordenou com a voz baixa e severa. — Agora.

Soltando um suspiro, Susanna levantou as mãos à altura dos ombros.

— Tudo bem. Seja rápido, por favor.

— Thorne, reviste as botas. Eu vejo os bolsos. — Lorde Rycliff verificou o peito do homem e a faixa na cintura, além dos bolsos do casaco azul-escuro. — Nada.

— Aqui também não tem nada. — Thorne virou as botas gastas de cabeça para baixo e as sacudiu.

— Nem uma moedinha? — Kate perguntou. — Talvez tenha sido roubado.

— Posso fazer meu trabalho agora? — Susanna perguntou. Quando o marido concordou com a cabeça, ela gesticulou para um criado. — Traga cobertores e bandagens agora mesmo. — Ela se virou para as mulheres. — Kate, pode pegar meu kit de emergência na despensa? Sally, traga uma caneca de vinho quente. — Depois

de tirar as luvas, ela encostou as mãos nuas nos pés do homem ferido. — Estão um gelo — ela murmurou, fazendo uma careta. — Tijolos quentes, por favor — ela pediu aos criados, erguendo a cabeça.

Thorne tirou um punhado de algas da bota do homem.

— Algas marinhas... Ele deve ter sido arrastado pelas ondas na enseada.

— Oh, céus. Mas se ele chegou na enseada, como conseguiu vir até aqui?

— O mais importante é, por quê? — disse Lorde Rycliff apertando o maxilar.

O estranho começou a tremer com violência, deixando escapar palavras por entre seus lábios azulados. Ele desfiou uma série de expressões em língua estrangeira.

Rycliff fez uma careta.

— Que língua é essa? Não é inglês. Nem francês.

— Violet deve saber — Susanna disse. — Ela conhece todos os idiomas.

— Isso não é verdade — Violet protestou. — Só uma dúzia ou um pouco mais.

— Bobagem. Você aprendeu romani em uma hora, quando aquele bebê ficou doente.

— Não aprendi, não.

Ela não tinha aprendido romani. O que ela aprendeu, por tentativa e erro, foi que uma das mulheres falava um pouco de italiano, que usaram como uma língua intermediária com muito esforço, gestos e mímicas para conseguirem se entender. A tradução não tinha sido muito elegante, mas foi eficiente para ajudar uma mãe assustada e seu bebê febril.

A linguagem é uma tapeçaria imensa e complicada. A chave para a comunicação é encontrar um fio comum aos envolvidos.

Para tanto, Violet deixou de lado suas emoções e se concentrou nas palavras do homem.

— É... algum tipo de dialeto celta, pelo som das palavras. Não é exatamente minha área de conhecimento. Quem sabe ele é galês?

Ela levantou a mão pedindo silêncio. Desejou que até seu coração parasse com o barulho, para que pudesse ouvir melhor as palavras do homem.

Era definitivamente algum tipo de língua celta. Mas ouvindo melhor, não parecia galês. Muito menos gaélico ou manês.

— Aqui. — Sally voltou com uma caneca fumegante de vinho quente. — Faça-o beber isto.

Com ajuda das outras, Violet levantou a cabeça dele e levou a caneca até seus lábios. Ele bebeu e tossiu, então bebeu de novo.

— Estou ouvindo — ela disse em inglês, esperando que o tom tranquilizador de sua voz fosse compreendido, ainda que suas palavras, não. — Diga-me como posso ajudar.

Ele se virou e olhou para ela.

Violet parou de respirar. Um choque causado pela possibilidade de reconhecimento a atingiu com tanta força que o salão todo começou a girar.

Os olhos dele. Bom Deus, aqueles *olhos*. Eram da mesma tonalidade complexa de castanho-avermelhado. Continham uma inteligência que contradizia as roupas grosseiras, simples. Transmitiam um desespero, um pedido de ajuda. Mas, acima de tudo, aqueles olhos pareciam... *familiares*.

Não podia ser, ela disse a si mesma. Não fazia nenhum sentido. Mas quanto mais encarava aqueles olhos castanhos, tanto maior era o sentimento de afinidade. Violet sentiu como se fitasse um rosto que já tinha visto antes. Um conjunto de feições mais familiar do que seu próprio reflexo no espelho. Um rosto que assombrava seus sonhos.

— Não pode ser — ela sussurrou.

Ele agarrou a mão dela. Violet soltou uma exclamação com o contato súbito, com o frio doloroso da pele dele.

O fluxo de palavras diminuiu. Ele começou a repetir apenas uma frase. A mesma sequência de sílabas, sem parar. Violet escutava

com atenção. Depois que entendeu onde a frase terminava e ouviu mais algumas vezes, conseguiu desvendar seu significado.

— Consegue entender o que ele está dizendo? — Lorde Rycliff perguntou.

— Um pouco. Acho que ele está falando em... — Ela fez uma pausa e escutou de novo. — Bem, parece corno. Mas não. Eu acho que é... bretão.

— Bretão?

— Eu nunca estudei bretão, então não posso ter certeza. Mas ouvi um pouco de corno, e sei que bretão é a relação linguística mais próxima, devido à proximidade entre a Cornualha e a Bretanha. São separadas apenas por um trecho de mar.

— Bretanha — Rycliff repetiu. — Bretanha, na França.

Violet concordou.

— A mesma França com a qual estamos em guerra.

— Sim.

Todos no salão ficaram em alerta. Violet percebeu a apreensão nos olhos das pessoas enquanto os homens de uniforme se entreolhavam. Um francês surgindo na praia de Spindle Cove? Como milicianos, eles estavam preparados para evitar exatamente esse tipo de ocorrência.

— Pergunte de onde ele é — Rycliff disse. — Há mais franceses?

Um criado se aproximou com cobertores, mas quando se preparava para cobrir o homem trêmulo, Lorde Rycliff o deteve com a mão espalmada.

— O que ele está dizendo, Srta. Winterbottom? Nós precisamos saber se estamos sendo atacados.

— Eu só consigo entender uma coisa do que ele está dizendo. É a mesma frase, que não para de repetir.

— O que é?

Ela tocou a face do homem com a ponta dos dedos.

— *Nedeleg laouen* — ela repetiu. — Feliz Natal.

## *Capítulo dois*

Ela era um anjo. O anjo pessoal dele.

Pensou que iria morrer, cambaleando pela noite fria, com sangue escorrendo pelo pescoço e água do mar escorrendo por todo o resto, congelando as roupas junto ao corpo. Enquanto se arrastava pelos campos na direção daquela casa reluzente, ele estava certo de que morreria.

Tinha caído. Desesperado. Mas lutou para se levantar e continuar, porque não havia outra coisa a fazer. E quando estava a ponto de alcançar as portas daquele espaço quente e brilhante, ele a avistou: uma visão de seda esmeralda e cabelo dourado. Estava parada no canto, como se esperasse por ele. Ela lhe deu força para arrastar suas pernas dormentes, dizendo para si mesmo que... Se morresse nesta noite, morreria com aquela linda garota nos braços. Ou, o mais provável, morreria nos braços daquela linda garota.

— Nedeleg laouen — ele gaguejou mais uma vez, com os lábios congelados.

Ela curvou a boca em um sorriso contido. Dedos suaves acariciaram o rosto dele mais uma vez.

— Nedeleg laouen.

Deus da misericórdia. Um milagre. Ela o compreendia. Ela o tocava. Essa era uma dádiva que ele não merecia.

Nada estava acontecendo como deveria. Tantos erros estúpidos. Tolos. Idiotas. Azen gomek. Seus superiores ficariam insatisfeitos. Se ele sobrevivesse para vê-los outra vez, era possível que o fizessem desejar ter morrido.

Mas ela estava ali. Vestindo seda verde e tocando seu rosto. Aquilo era o paraíso, ainda que por um instante.

Um casaco vermelho surgiu em seu campo de visão. Aquele que chamavam de Rycliff. Evidentemente, o lorde, comandante ou algo assim. O tal Rycliff o segurou pelo colarinho e vociferou perguntas. Primeiro em inglês, depois em francês. Ele só conseguiu responder em bretão:

— Corentin Morvan eo ma anv. Me a zo un tamm peizant. (Meu nome é Corentin Morvan. Eu sou um humilde camponês.)

Rycliff o soltou, então trocou algumas palavras com o anjo de seda verde.

Outra mulher chamou sua atenção. Esta possuía um cabelo de fogo, e sardas salpicavam suas faces como brasas. Ela não se deu ao trabalho de falar em inglês ou francês, apenas tentou mímica, com movimentos bruscos. Ele teria achado isso divertido, se não estivesse com tanta dor.

Entendeu que iriam tirá-lo dali e que receberia um curativo na cabeça. Ele sinalizou, com um aceno, que tinha compreendido.

Ótimo, ótimo. Tudo bem.

Não poderia ir a lugar algum nessas condições. E lhe poupariam a tarefa desagradável de fazer o curativo ele mesmo.

Então agarrou a mão do anjo enquanto os homens o carregavam até outra sala, onde foi deitado em um banco comprido, estofado, perto da lareira. A onda de calor repentina fez com que tremesse ainda mais.

Ele sabia que deveria estar fazendo planos. Não podia perder a concentração em uma situação dessas. No mínimo deveria estar examinando a sala à procura de potenciais armas e da melhor rota de fuga.

Mas ele estava com muito frio. Com muita dor. E perdido demais no azul dos olhos dela. Escravizado pela suavidade de seus dedos. Aquele momento de sua vida precisava ser vivido em pequenos incrementos. Uma pequena ação após a outra.

O coração dele deu uma batida suave dentro do peito. Seus pulmões inspiraram dolorosamente.

Ele apertou a mão dela, macia e clara, como se dependesse do toque para se manter consciente. E talvez dependesse. Restava-lhe orgulho suficiente para não querer desmaiar na frente de uma garota bonita.

Um cobertor pesado e quente envolveu seu corpo. Mãos o viraram de lado. Em algum lugar debaixo do estofamento, uma ripa rígida de madeira pressionou suas costelas.

Alguma coisa afiada cortou seu couro cabeludo. Ele franziu o cenho e praguejou.

A mulher de cabelo de fogo falou algo em inglês enquanto destampava um frasco pequeno de vidro. O coração dele acelerou; suspeitou de que não gostaria do conteúdo do frasco. E tinha razão.

Ela virou a cabeça dele. Fogo líquido caiu sobre a ferida aberta, e dor sacudiu seu crânio, que já latejava. Sua visão periférica ficou preta. Talvez eles pretendessem torturá-lo. Mas ele não fraquejaria.

— Corentin Morvan eo ma anv — ele resmungou, começando a litania padrão. Meu nome é Corentin Morvan. Eu sou um camponês humilde. Não sei de nada. Nada. Juro pela Virgem que é verdade. A dor arrancou as palavras de sua garganta e as fez passar pelos dentes crispados.

Quando recuperou o controle da própria respiração, fitou seu anjo de seda verde. A preocupação desenhava linhas finas na testa dela. Seus olhos azuis eram poços de preocupação.

Mas ela ainda o tocava com tanto cuidado, tanta delicadeza. Essa era a verdadeira misericórdia, depois de tudo o que ele tinha feito.

Uma agulha penetrou seu couro cabeludo. Dessa vez, ele não deu atenção à dor. Teria tempo suficiente para isso mais tarde. Preferiu se concentrar na doce carícia que ela lhe fazia.

Aproximando-se, ela sussurrou algo em seu ouvido. Ele não conseguiu responder, mas pôde desfrutar do aroma de flor de laranjeira em seu cabelo. O decote do vestido era rendado. Contou os pontos e laços, deleitando-se com cada detalhe.

Deus, como ansiava tocá-la. Ela estava tão perto, era tão linda. Fazia tanto tempo que não se entregava ao desejo. Ele queria estender a mão e deslizar os dedos calejados e gelados pelo decote rendado e pela perfeição pálida da clavícula daquela mulher.

Uma dúzia de soldados armados pairava sobre ele, prontos para eviscerá-lo em um piscar de olhos se ele tivesse tal ousadia. Mesmo assim, a ideia era tentadora. Então fechou os olhos e afastou a tentação.

Quando a mulher de cabelos vermelhos terminou de dar os pontos, ela guardou seus frascos e instrumentos e falou com o oficial. Planos estavam sendo feitos. Homens foram despachados.

A garota no vestido cor de esmeralda fez que sim com a cabeça quando alguém lhe entregou um par de luvas. Luvas elegantes de couro macio, forradas de pelo. Luvas para se usar no frio.

O que significava que ela estava de partida. Eles iriam separá-lo de seu anjo. Não.

Reunindo o que restava de suas forças, ele passou um braço ao redor da cintura dela e descansou a cabeça em seu colo. Ela se assustou e ficou imóvel, mas não se retraiu. A seda fria tocou sua face, e debaixo do tecido ele sentiu o calor da pele dela.

— Só ela — ele murmurou em bretão. — Ninguém além dela. Só ela me entende. Vocês não podem tirá-la de mim.

E então ele bancou o verdadeiro idiota. E desmaiou.

— Ele apagou — Susanna disse. — De dor, provavelmente.

Violet engoliu em seco, observando o homem esparramado de modo tão indecente em seu colo. Ela pôde ver os pontos que Susanna deu para fechar o ferimento. O trabalho estava bem-feito, mas a ferida era feia. Um corte irregular, vermelho, em meio ao cabelo castanho-escuro.

Lorde Rycliff se aproximou dela.

— Vou afastá-lo de você.

— Está tudo bem. — Violet pôs a mão hesitante no ombro largo do estranho. — Ele está ferido e confuso. É natural que se apegue à única pessoa que o entende, ainda que pouco.

— Quer você o entenda ou não... — Rycliff meneou a cabeça. — Eu não confio nele.

Também não sei se eu confio, Violet pensou. Mas não estava preparada para abandoná-lo. Não até descobrir mais.

— Você tem alguma objeção a ele ficar aqui, papai? — Susanna perguntou ao pai. Todos tinham se deslocado até a biblioteca de Sir Lewis Finch. Era o cômodo mais próximo do salão com uma lareira acesa.

— De modo algum. De modo algum — Sir Lewis respondeu. — Você sabe que eu coleciono todo tipo de curiosidade. Mas talvez seja bom pedirmos aos criados que tragam uma lona. — Ele inclinou a cabeça, observando a poça de água que crescia debaixo do homem encharcado.

— E roupas secas — Susanna acrescentou. — Alguma roupa do Bram deve servir nele.

Nesse momento, Rufus Bright e Aaron Dawes entraram na biblioteca, ofegantes devido ao esforço. Quando o estranho irrompeu no baile, Lorde Rycliff enviou alguns dos milicianos para observar a situação na enseada.

— Vocês viram alguma coisa? — Rycliff perguntou.

— Nenhum navio — Rufus respondeu, tentando recuperar o fôlego. — E está tudo tranquilo no castelo.

— Mas quando descemos pela trilha até a enseada, encontramos os restos de um barco pequeno — Dawes acrescentou. — Destroçado, e trazido pelo mar.

— Não acredito nisso — falou Finn Bright, junto a uma parede. — Vocês desceram até a enseada e não me chamaram?

— É claro que sim — disse Rufus, irmão gêmeo de Finn, sem mostrar remorso. — Nós precisávamos correr.

Finn não discutiu, só bateu a ponta da muleta no chão.

Violet ficou com pena do garoto. Todos ficaram. Finn tinha 15 anos, era inteligente e cheio de energia. O garoto tinha perdido um pé em um acidente, alguns meses antes. Na maior parte do tempo, Finn disfarçava sua frustração com uma máscara de coragem e seu

bom humor característico. Mas o fato de ter um irmão gêmeo – uma cópia exata dele que ainda podia correr, marchar, escalar e dançar com facilidade – tornava tudo mais difícil.

— Um barco pequeno, você disse? — Susanna olhou para o homem no colo de Violet, que passava um pano úmido na fronte arranhada. — Ele pode ser um pescador que saiu da rota e sofreu um acidente.

Era evidente que Rycliff não acreditava nisso.

— Um pescador da Bretanha, que o vento tirou do curso e jogou em Sussex, e acabou naufragando na nossa enseada. — Ele meneou a cabeça. — Impossível.

— Impossível, não — Susanna disse. — Mas admito que parece muito improvável.

— Ele é um contrabandista, posso garantir para vocês. — Essa afirmação veio de Finn. — Separado dos colegas quando a fiscalização apareceu. Meu pai fazia negócios com essa turma. Eu sei como é.

— Um contrabandista. Nisso eu consigo acreditar — Rycliff disse. — Bem pensado, Finn.

— Fico feliz de ainda servir para alguma coisa. — Com a muleta, Finn se aproximou. Ele deu um olhar desconfiado para o estranho. — Cuidado com ele, minha lady. Amanhã, quando acordar, pode descobrir que ele sumiu... junto com toda prataria de Summerfield.

— Vou mandar chamar o magistrado pela manhã — Rycliff disse. — Enquanto isso, não podemos ignorar outras possibilidades.

— Que possibilidades? — Violet perguntou.

— Ele veio da França — Rycliff explicou como se fosse óbvio. — Pode ser um soldado ou espião à procura de locais adequados a uma invasão. — Ele baixou a voz. — Ele pode estar nos escutando neste momento.

Estaria ele escutando? Violet baixou os olhos para o homem em seu colo, imaginando se ele estaria mesmo desacordado. Para verificar, ela beliscou o lóbulo de sua orelha. Nenhuma reação.

Bem, isso era tranquilizador. Ou era suspeito?

Violet não conseguia dizer. Ela nunca tinha beliscado a orelha de um homem inconsciente, e não fazia ideia de que reação esperar. Mas também não sabia que reação esperar de um rapaz que fingia estar inconsciente. E se ele fosse bom em fingir, teria a reação oposta à que era esperada. Qualquer que fosse.

Deus, ela era uma tonta. Uma tonta que beliscava orelhas. Que ótima capacidade de dedução a dela.

— Bram, você está exagerando. — Susanna meneou a cabeça. — Com certeza Napoleão não vai invadir a Inglaterra por aqui, se nem um pequeno barco a remo consegue se aproximar sem se despedaçar nas nossas pedras.

— De qualquer modo, precisamos estar preparados. — Lorde Rycliff se voltou para Rufus Bright e Aaron Dawes. — Vocês dois vão acompanhar as mulheres de volta à pensão. Depois vão patrulhar a vila pelo resto da noite.

Assim que os dois saíram, Rycliff se voltou para o restante dos milicianos.

— E vocês vão marchar até o castelo. Existe um motivo para os normandos terem erguido a construção no alto das falésias. Aquele é o melhor lugar para se estar em caso de ataque.

— Eu vou com vocês — Finn disse.

Rycliff pôs a mão no ombro do rapaz.

— Não tão rápido. Você vai ficar aqui.

— Ficar aqui? — A voz de Finn estava marcada pela frustração. — Eu sou um miliciano voluntário. Meu lorde não pode me deixar para trás.

— Eu estou colocando você de guarda em Summerfield. Fosbury também vai ficar. Ele é o maior, depois de Dawes. E um taverneiro sabe lidar com homens inconscientes. Esta é uma tarefa importante, Finn. Vocês dois vão vigiar o prisioneiro e...

— Prisioneiro? — Susanna soltou uma risadinha. — Você está tornando isso tudo tão melodramático. Não quis dizer “o paciente”?

Seu marido a encarou com um olhar sombrio. Susanna jogou as mãos para cima.

— Longe de mim estragar sua diversão.

— Como eu dizia, Finn, você deve vigiar o prisioneiro e proteger a Srta. Winterbottom.

— Me proteger? — Violet perguntou. — Eu também tenho que ficar?

Lorde Rycliff se virou para ela.

— Preciso lhe pedir isso. É provável que o sujeito acorde. Vamos precisar de alguém que consiga falar com ele. Procure descobrir quem ele é e de onde veio.

— Mas como eu vou...

— Seja criativa. — Rycliff olhou para o homem jogado no colo dela. — Ele gosta de você. Use isso.

— Use isso? — ela repetiu. — Como assim?

Susanna interveio:

— Com certeza você não está sugerindo que Violet empregue algum tipo de artimanha feminina para conquistar a confiança dele.

Rycliff deu de ombros, admitindo claramente que, sim, essa era a sugestão.

Todos na biblioteca se voltaram para Violet e a encararam. Ela podia imaginar os pensamentos que passavam pela cabeça de todos. Seria possível que Violet Winterbottom soubesse usar alguma artimanha feminina?

Ainda que possuísse artimanhas, ela não saberia como utilizá-las. Sua melhor técnica de investigação envolvia um beliscão na orelha, e aquilo não tinha ajudado muito.

— Eu vou ficar com você, Violet — Susanna disse.

— Não vai, não — Rycliff disse à esposa. — Este dia já foi muito cansativo, com o baile e toda essa agitação. Você precisa descansar.

— Mas Bram...

— Mas nada. Não vou arriscar sua saúde, e muito menos... — O olhar dele era severo, mas carinhoso, e a mão protetora que colocou sobre a barriga da esposa deixou seu argumento evidente. Susanna precisava descansar porque...

— Ela está grávida — Violet sussurrou para si mesma.

Enquanto o casal trocava um olhar carinhoso de entendimento, Violet sentiu uma onda de alegria pela amiga. Mas também sentiu uma pontada de inveja. Susanna e Lorde Rycliff tinham, pelo que podia observar, o casamento ideal. Eles se entendiam, de modo implícito e completo. Discordavam e discutiam abertamente, e exigiam bastante um do outro e deles mesmos. Em meio a tudo isso, amavam-se. Os dois eram parceiros, não só no amor, mas na vida.

Violet pensava que suas chances de encontrar uma afinidade tão grande com alguém eram mais escassas do que água no deserto. Havia apenas um homem com quem ela tinha sonhado e que poderia conhecê-la assim tão bem, e respeitá-la como sua igual. Mas ela havia se enganado a respeito dele. E desde A Decepção, Violet não tinha... Ela perdeu a linha de raciocínio quando o homem em seu colo se mexeu, murmurando e apertando o braço em sua cintura.

Violet congelou, perplexa e imobilizada pelo surgimento de sensações há muito esquecidas. A sensação de ser tocada. De ser necessária.

Não deixe que a façam de boba outra vez.

— Então, Violet? — Susanna olhou para ela, esperando uma resposta.

— Desculpe, o que foi? — ela perguntou, sacudindo a cabeça para afastar os pensamentos.

— Você vai se sentir segura com ele? — Susanna indicou o homem adormecido em seu colo.

Cuidado, o coração dela ecoou. Cuidado, cuidado.

Ela concordou.

— Finn e o sr. Fosbury vão ficar comigo. E todos os criados da casa estão à disposição, se precisarmos deles.

E foi assim que a Srta. Violet Winterbottom, tímida contumaz, se viu como vigia na biblioteca de temática egípcia de Sir Lewis Finch,

acompanhada de um garoto manco, um taverneiro e um homem desconhecido e inconsciente que podia muito bem ser um espião.

Dois criados chegaram trazendo novos cobertores e roupas secas. Enquanto os empregados cuidavam do estranho, Violet se ocupou de observar as estantes de livros que iam do chão ao teto. Sir Lewis Finch era um famoso inventor de armamentos e notório colecionador de antiguidades. Sua biblioteca guardava tesouros de todos os tipos.

Enfim, ela escolheu um compêndio ilustrado, Pássaros da Inglaterra, pois imaginou que não conseguiria ler de fato. Como ia passar a noite ao lado do invasor atraente e misterioso, era óbvio que sua concentração estaria comprometida.

Com sorte, essa seria a única coisa comprometida.

Quando os criados saíram, a mansão ficou silenciosa. Finn andava de um lado para outro diante da janela, de guarda, mas emburrado. Fosbury se acomodou em uma poltrona perto da lareira e começou a aparar as unhas.

Violet pegou a cadeira mais próxima do estranho inconsciente e colocou o livro em uma estante de leitura. Mas em vez de olhar para as páginas, ficou observando o estranho. Eles haviam limpado a sujeira e o sangue do rosto dele, então Violet pôde, enfim, dar uma boa olhada nele e afastar suas suspeitas absurdas.

A camisa de algodão que os criados haviam separado para o homem estava justa nos ombros dele. O colarinho, aberto, revelava a parte superior do peito. Ela não conseguiu evitar de olhar. Ele era bronzeado e musculoso, como Violet imaginava que eram todos os camponeses. Violet tinha tocado o peito nu de um homem apenas uma vez. Mas era um peito esguio, aristocrático, nem de longe tão atraente e... forte.

O nariz é uma pena, Sally tinha opinado mais cedo.

Uma pena, mesmo. Era evidente que ele tinha quebrado o nariz pelo menos uma vez, pois este tinha um desnível que parecia um degrau. Uma parte grande da têmpora e da face estava vermelha, raspada.

Violet não podia dizer que os arranhões e o nariz quebrado o tornavam menos bonito — e mesmo que o tornassem uma fração menos bonito, faziam dele mais viril e atraente. O que havia em um registro de violência visível, na pele e nos ossos, que tornava um homem tão sedutor? Ela não sabia explicar o que era, mas sentia. Ah, e como sentia.

Violet engoliu em seco. Fazia tempo que nenhum homem provocava seu interesse. Na verdade, havia apenas um cavalheiro que a tinha feito se sentir assim, e ele estava a meio mundo de distância... Estaria, mesmo?

O coração de Violet acelerou. Ela arrastou o olhar por cada fio daquele cabelo grosso e castanho, e cada faceta singularmente definida das maçãs do rosto dele. Ela se lembrou da tonalidade castanha daqueles olhos e da afinidade instantânea que sentiu quando se entreolharam no salão de festas.

Se enxergasse além dos ferimentos e da sombra escura do maxilar não-barbeado, se o imaginasse vestindo trajes de alfaiataria em vez daquela camisa grosseira... Bom Senhor, a semelhança era assustadora.

É ele, seu coração sussurrou. Mas o que o coração dela sabia? Era um órgão estúpido e fácil de enganar.

Violet balançou a cabeça. Estava imaginando coisas, só isso. Sim, os dois homens possuíam cabelos e olhos castanhos e belas maçãs do rosto. Mas as semelhanças terminavam aí. As diferenças eram inúmeras. Um era bretão; o outro, inglês. Um era musculoso, constituído para trabalho braçal; o outro, aristocrático e esguio. Um estava esparramado, inconsciente, no divã ao lado; o outro vagabundeava pelas Índias Ocidentais, sem nem se lembrar de que ela existia.

O homem ao lado não era A Decepção. Ele era o mistério. E Violet tinha uma noite para desvendá-lo.

Ela inclinou a cabeça. Era uma cicatriz sob o queixo? Fina como uma lâmina e reta, como se alguém tivesse encostado uma faca em sua garganta.

Com um olhar rápido para Finn e Fosbury, ela aproximou sua cadeira do divã. Então se inclinou, entortando a cabeça para observar melhor.

— De onde você veio? — ela sussurrou para si mesma. — O que está querendo aqui?

A mão dele se levantou, rápida, agarrando-a pelo cabelo. Violet exclamou ao sentir o puxão em mil terminações nervosas.

Ele arregalou os olhos, nítidos e intensos. Neles, ela leu sua resposta:

Você. Eu quero você.

## Capítulo três

Os dois guardas caíram sobre ele em segundos. Gritando, puxando. Antes mesmo que *ele* compreendesse o que estava acontecendo.

Ele estava deitado. Semivestido. O doce rosto dela pairava sobre ele, que mantinha uma mão enrolada com firmeza na seda dourada que era seu cabelo. Não fosse o par de idiotas de casaco vermelho esbravejando, aquele podia ter sido um sonho.

*Solte-a*, eles gesticulavam.

*Solte-a*, ele disse para si mesmo.

Ainda assim, por algum motivo, não conseguiu. Os dedos dele não obedeceram. Eram puro instinto e nenhuma razão. E todos os impulsos de seu corpo queriam segurá-la com firmeza.

— *Tranquilles-vous* — ela pediu. — *Calmez-vous*.

Ficar calmo? Tranquilo? Por Deus, ele não tinha como se acalmar. Não com a voz dela flutuando sobre ele como mel silvestre, com aquele aroma de flor de laranjeira à sua volta. Seu coração disparou sob a camisa emprestada que lhe vestiram. Um pouco mais para baixo, seu membro acordou debaixo do cobertor.

Ora. Era bom saber que a coisa não tinha congelado e caído.

*Por Deus, homem. Você é um animal indigno. Solte-a.*

Finalmente, seus dedos se afrouxaram no cabelo dela.

Ela recuou em um instante, e então os casacos-vermelhos pularam sobre ele, dando-lhe alguns golpes – nada que ele não merecesse. Quando os dois o arrastaram para o chão, ele resistiu

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Spindle Cove 1.5 - O presente inespera..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).